



## OPINIÃO



**MIGUEL SPÍNOLA**

Miguel Spínola, sócio e coordenador de PLMJ Moçambique Desk

# Uma tempestade perfeita

Grant Neuenburg/Reuters



**A**pós anos consecutivos de crescimento a uma média de 7% e 8%, Moçambique atravessa agora um período muito difícil da sua ainda curta história.

O crescimento sustentado exibido ao longo da última década aliado a um conjunto de reformas ajudou a criar um ambiente de optimismo nos investidores e de credibilidade do país junto dos doadores internacionais. Esse contexto, associado à descoberta de recursos naturais, como o carvão e o gás natural, suscitaram um interesse nunca visto no país e alavancaram uma série de investimentos e projectos.

Depois veio a crise financeira internacional, o abrandamento da economia chinesa, um dos "players" e investidores mais relevantes no país, e, finalmente, a crise das "commodities". Esta conjuntura teve como efeito a suspensão e atraso de alguns dos principais projectos de investimento previstos para Moçambique, principalmente no carvão e gás natural, sectores com que se contava para alavancar o crescimento económico do país nos próximos anos. Como se não bastasse, o país tem vivido uma crise interna profunda, concorrendo para isso as eleições e a mudança de presidente e governo, a deterioração da relação com a Renamo, principal partido da oposição, e o agravamento da tensão político militar para contornos de violência que não se verificavam desde os tempos da guerra civil.

A isto tudo, somou-se a descoberta, em 2015, do recurso a instrumentos de financiamento por parte de empresas públicas Moçambicanas e avalizadas pelo Governo Moçambicano, mas sem a competente e necessária aprovação do Parlamento. A descoberta destes financiamentos, num valor global superior a USD 2 biliões, teve como efeito imediato a suspensão de uma missão prevista pelo FMI a Moçambique, o subsequente corte

de relações com aquela instituição e demais doadores e, consequentemente, das respectivas linhas de crédito e doações, das quais o orçamento de estado depende em larga medida.

A soma de todas estas circunstâncias originou uma crise da dívida pública, cambial e financeira, tendo o metical, moeda nacional, sofrido uma depreciação de praticamente 100% face ao dólar no último ano e, a inflação que tinha desido abaixo dos dois dígitos, situa-se agora na casa dos 18% e as mais recentes previsões situam-na nos 22% até ao final do ano.

Como seria expectável neste contexto, os índices de confiança caíram

**O desenvolvimento em Moçambique passa em primeiro lugar pela solidificação das suas instituições, da democracia e pelo respeito pelos fundamentos do Estado de Direito.**

a pique, alguns dos investidores não resistiram à conjuntura e suspenderam os seus projectos em Moçambique, outros olham o futuro com desconfiança e com cautelas redobradas. A confiança e credibilidade que demorou anos a construir, caiu por terra num espaço de poucos meses.

A tentativa de reatar relações com o FMI e doadores esbarrou numa série de exigências destes, nomeadamente na realização de uma auditoria forense independente que apurasse os contornos dos tais empréstimos, destino dado ao dinheiro e respectivos responsáveis. O Presidente Nyusi numa tentativa de retomar o diálogo e a confiança nomeou para Governador do Banco de Moçambique o Dr.

Dr. Rogério Lucas Zandamela, funcionário do FMI desde 1988. Esta medida parece ter dado frutos. Com efeito, na sequência da visita do Presidente a Washington, na semana passada, foi anunciada a existência de um acordo com o FMI, incluindo a realização da tal auditoria. Ainda que não se conheça com detalhe os contornos do acordo alcançado, são sem dúvida as notícias por que todos esperávamos. Pode este acordo representar o princípio do fim da tempestade e o virar de página neste capítulo menos feliz da história de Moçambique? Temos esperança que sim! Parece pois haver vida depois do "financiamento"! Há indicadores que apontam nesse sentido. Esta semana inicia-se uma nova missão do FMI a Moçambique, o preço de carvão subiu em flecha para quase USD 200,00, a Anadarko e a ENI têm dado a entender que tomarão uma decisão final de investimento no desenvolvimento dos projectos de LNG ("Liquefied Natural Gas") já no próximo ano.

O Governo Moçambicano enfrenta pois grandes desafios. Tem de estancar e controlar a crise cambial, combater o abrandamento do crescimento e aumento exponencial da inflação, resolver de uma vez por todas o conflito armado com a Renamo bem como todas as tensões partidárias existentes, combater o descontentamento social generalizado causado por esta sucessão de eventos e, finalmente, restaurar a confiança interna e externa outrora existente. Para isso, o Governo Moçambicano tem de perceber, de uma vez por todas que não basta ter recursos naturais para desenvolver o país. O desenvolvimento passa em primeiro lugar pela solidificação das suas instituições, da democracia e pelo respeito pelos princípios e fundamentos do Estado de Direito. Só assim vai conseguir conduzir o país para o grau de desenvolvimento que tanto ambiciona e merece. ■

